

Traduzindo sentimentos intraduzíveis: Skinner e o vocabulário da subjetividade

Translating untranslatable feelings: Skinner and the vocabulary of subjectivity

Alexandre Dittrich¹

(ORCID: 0000-0001-9023-342X)

[1] Universidade Federal do Paraná | **Título abreviado:** Translating feelings | **Endereço para correspondência:** Praça Santos Andrade, 50, sala 215. Curitiba/PR. CEP 80020-300 | **Email:** aledittrich@ufpr.br | **doi:** 10.18761/AB50A1xD01

Resumo: O título do capítulo 10 de *Sobre o Behaviorismo*, de B. F. Skinner, possivelmente é irônico: não se trata propriamente de explorar “O mundo interior da motivação e da emoção”, mas de tratar motivação e emoção como relações comportamentais, necessariamente dependentes de processos sociais. Neste ensaio, dialogando com a perspectiva relacional e contextualista de Skinner, faço uma análise exploratória da linguagem dos sentimentos a partir de três exemplos de nomes de sentimentos típicos da cultura germânica - *Schadenfreude*, *Futterneid* e *Ruinenlust*. Derivo da análise três conclusões: (1) Só é possível compreender o que é sentir, e também compreender como surgem e como são ensinadas as palavras que se referem ao sentir, analisando as relações entre estados corporais e os contextos que os produzem; (2) A emissão de respostas verbais “descritivas de sentimentos” pode ficar sob controle (majoritário ou exclusivo) de variáveis públicas que afetem o falante; (3) A ampla variabilidade cultural na linguagem dos sentimentos se explica não pelas diferenças entre estados corporais, mas pelas diferenças entre as contingências típicas de cada cultura.

Palavras-chave: Skinner, B. F.; sentimentos; comportamento verbal.

Abstract: The title of chapter 10 of B. F. Skinner's *About Behaviorism* is possibly ironic: it is not really about exploring "The Inner World of Motivation and Emotion," but about treating motivation and emotion as behavioral relations, necessarily dependent on social processes. In this essay, dialoguing with Skinner's relational and contextualist perspective, I conduct an exploratory analysis of the language of feelings based on three examples of names for feelings typical of Germanic culture—*Schadenfreude*, *Futterneid*, and *Ruinenlust*. I derive three conclusions from the analysis: (1) It is only possible to understand what it is to feel, and also to understand how words that refer to feelings arise and are taught, by analyzing the relations between bodily states and the contexts that produce them; (2) The emission of verbal responses "descriptive of feelings" can be under the control (mainly or exclusively) of public variables that affect the speaker; (3) The wide cultural variability in the language of feelings is explained not by differences between bodily states, but by differences between the typical contingencies of each culture.

Keywords: Skinner, B. F.; feelings; verbal behavior.

Há uma raiz etimológica comum às palavras “motivação” e “emoção”, que aparecem no título do capítulo 10 de *Sobre o Behaviorismo* (Skinner, 1974/2002). A raiz fica mais evidente no título original em inglês: “The Inner World of Motivation and Emotion” (Skinner, 1974). Nas duas palavras temos a partícula “mot”, derivada do latim “movere”. A expressão sugere movimento, em um sentido relacional: para que se mova, algo deve ser movido – isto é, deslocado, impelido, provocado, induzido, estimulado. “Movere” não é simplesmente *mover-se* – é *ser movido*.

Mas estamos tratando de comportamento. Não seriam apenas os objetos inanimados que precisariam *ser movidos*? Não temos nós, os seres vivos, a capacidade de *nos mover*? Se precisamos ser movidos, não há nisso uma perspectiva de *passividade* – ao invés de *atividade*?

Tais perguntas permitem revisitar o radicalismo da perspectiva filosófica proposta por Skinner: no princípio, era a relação. (O verbo veio depois, e também era relação.) Nada no mundo acontece “por si só”. O primeiro ser vivo – e, portanto, o primeiro ser “comportante” – resultou de um complexo conjunto de relações entre elementos não-vivos. A vida foi movida, não se moveu. Ninguém decidiu (embora muitos achem que Alguém decidiu).

Ao ser movida, a vida passou também a mover (seu ambiente). Entrou no eterno círculo do *movere*, movimentando e sendo movimentada – no qual está até hoje, e estará enquanto persistir. A vida comportante não é passiva ou ativa – é relacional. Se algum dia não houver mais vida, as relações continuarão. Elas são mais básicas que a vida, anteriores a ela.

O capítulo 10 de *Sobre o Behaviorismo* é sobre o que nos motiva e nos emociona – não exatamente sobre “o mundo interior da motivação e da emoção”. O título, arrisco dizer, é irônico. Por óbvio, uma análise funcional da resposta verbal de Skinner registrada no título do capítulo é meramente especulativa. Assumo, porém, o risco (como tantas vezes o próprio Skinner assumiu). Vamos à ironia:

Sócrates encoraja um inocente novato com uma resposta que tem um efeito sobre o novato (sinônimo de *Estamos ansiosos para ouvir o que você tem a di-*

zer), mas um efeito muito diferente sobre o grupo (sinônimo de *Mostre-nos o quão mal informado você é*). (Skinner, 1957/2020, p. 232)

É um exemplo dos efeitos da múltipla audiência. A resposta verbal de Sócrates tem diferentes efeitos sobre o novato e sobre o círculo de filósofos experientes. Há uma pincelada de crueldade na ironia sócrática: ela aumenta a probabilidade de que o novato se pronuncie – provavelmente de modo “mal informado”, para o deleite do grupo experiente. Caso isso ocorra, a resposta irônica de Sócrates será reforçada.

É nesse sentido que o título de Skinner me parece irônico. Escrito em 1974, quando a proposta de Skinner já estava madura, *Sobre o Behaviorismo* certamente alcançou dois tipos de audiência – uma “bem informada” e outra “mal informada” sobre sua proposta. Os efeitos do título sobre tais audiências provavelmente diferiram. O conteúdo do capítulo, é claro, desmancha as expectativas eventualmente produzidas pelo título na audiência “mal informada”. O “mundo interior” é tratado como ficção explicativa:

A exploração da vida emotiva e motivacional da mente tem sido descrita como uma das maiores realizações da história do pensamento humano, mas é possível que tenha sido um de seus grandes desastres. Em sua busca de uma explicação interna, sustentada por um falso senso causal associado a sentimentos e a observações introspectivas, o mentalismo obscureceu os antecedentes ambientais que teriam levado a uma análise muito mais efetiva. Argumentar que “mentes matam, não armas” pode ser simplesmente insistir que não controlaríamos os assassinos impedindo-lhes o acesso a armas, mas outros meios de controle serão negligenciados enquanto aceitarmos a explicação de que mentes matam. A objeção ao funcionamento interno da mente não decorre de ele não

ser acessível a exame, mas de ter obstruído o exame de coisas mais importantes. (Skinner, 1974, p. 165)

Sentimentos, emoções, personalidade, psique, consciência, inconsciente, os “mecanismos de defesa” de Freud – todas essas supostas “causas internas” do comportamento são analisadas no capítulo como relações comportamentais. Em nenhum dos casos Skinner afirma simplesmente que “não existem”, ou que não devem ser estudadas. O que ele faz é reconceitualizar, ou “traduzir” tais processos comportamentalmente, tratando-os como relações. Não cabe aqui entrar nos detalhes. Skinner é insubstituível no que só ele fez com a maestria que conhecemos. Vale reler o capítulo e o livro, de novo e sempre.

Minha proposta neste ensaio é realizar uma análise exploratória da linguagem dos sentimentos a partir de uma perspectiva relacional e contextualista – que creio ser, nesse sentido, skinneriana. Como resultado dessa análise, pretendo apresentar algumas conclusões sobre essa linguagem para além daquelas já sugeridas por Skinner. A análise terá como objeto três exemplos de nomes de sentimentos típicos da cultura germânica, retirados de *German Untranslatable Words* (The School of Life, 2018). A obra apresenta 20 palavras da língua alemã que seriam “intraduzíveis” para outras línguas, por serem típicas dessa cultura. Não haveria, portanto, palavras em outras línguas que captassem o mesmo significado dessas.

Esse é um problema conhecido há tempos por tradutores: mesmo as palavras “traduzíveis” correm o risco de perder algo do significado original na tradução. Dizemos, assim, que as palavras – a original e a traduzida – “não querem dizer exatamente a mesma coisa”. Sob uma perspectiva analítico-comportamental, diríamos que as variáveis que controlam a emissão da palavra original não são necessariamente as mesmas que controlam a emissão da palavra traduzida. Daí deriva o famoso ditado italiano “Traduttori, traditori” (algo como “o tradutor é um traidor”), que o próprio Skinner (1974) usa em *Sobre o Behaviorismo* ao admitir que suas propostas de tradução comportamental de termos mentalistas talvez não consigam abranger completamente “os sobretons e contextos dos origi-

nais” (p. 19). Dito isso, penso que os exemplos que apresentarei a seguir são “traduzíveis”, pelo menos parcialmente, justamente porque os autores explicam em quais contextos as palavras são utilizadas – ou, mais precisamente, quais variáveis controlam sua emissão na cultura germânica.

Vamos às palavras. Cito o texto literalmente:

Schadenfreude – Espera-se que fiquemos tristes quando os outros fracassam, mas o alemão sabiamente aceita que nós frequentemente sentimos alegria, *Freude*, pela *Schaden*, ou infortúnio, dos outros. Não porque sejamos maus; apenas nos sentimos profundamente tranquilizados quando vemos a confirmação de que a vida é dura para outras pessoas como é para nós.

Futterneid – O sentimento que você tem quando está comendo com outra pessoa e percebe que ela pediu algo melhor do cardápio, algo que você mesmo preferiria comer. Talvez você estivesse tentando ser abstinente; agora você está apenas em agonia. A palavra reconhece que nós passamos a maior parte de nossas vidas sentindo que pedimos a coisa errada. E não só em restaurantes.

Ruinenlust – Essa palavra, significando o deleite que alguém pode sentir ao ver ruínas, mostra a língua alemã em seu mais delicioso fetichismo e particularidade. Palácios colapsados e escombros de templos colocam as ansiedades sobre o presente em perspectiva e induzem a um sentimento de prazerosa melancolia sobre o caráter inevitavelmente passageiro de todas as coisas.

(The School of Life, 2018)

Inspirado por esses exemplos, e dialogando com a proposta de Skinner para a compreensão do vocabulário sobre sentimentos, quero destacar três aspectos que me parecem particularmente interes-

santes.

(1) Após cada uma das três palavras alemãs que mencionamos, são descritos os contextos que eliciam os sentimentos e controlam sua nomeação. Haveria como explicar um sentimento sem descrever os contextos em que ocorrem? E mais: haveria como *aprender* a nomear sentimentos fora dos contextos em que ocorrem?

A estimulação propriamente privada é, por definição, inacessível à comunidade verbal – não pode ser diretamente compartilhada. Podemos especular se todas as pessoas sentem, digamos, amor ou ódio da mesma forma ou de formas particulares; se o amor ou ódio que eu sinto é sentido assim também por você. Supostamente, jamais haverá uma resposta – nem mesmo após as mais refinadas investigações fisiológicas. O mesmo vale, é claro, para *Schadenfreude*, *Futterneid*, *Ruinenlust*,¹ e para qualquer outro sentimento. Como apontou Skinner (1945/1972), nosso vocabulário subjetivo está, por definição, sob controle de variáveis públicas – incluindo aquelas produzidas pelas respostas públicas de outras pessoas em sua interação com o ambiente. O mesmo se aplica à própria origem das palavras que compõem este vocabulário, como sugeriu Skinner (1989) ao explorar suas raízes etimológicas: “O que é sentido quando alguém tem um sentimento é uma condição de seu corpo, e a palavra usada para descrevê-la quase sempre provém da palavra para a causa da condição sentida” (p. 13).² Isso fica explícito no caso de *Schadenfreude* (“alegria pelo dano”), *Futterneid* (“ciúme da comida”) e *Ruinenlust* (“prazer das ruínas”).

Para compreender o que é sentir, e também para compreender como surgem e como são ensinadas as palavras que se referem ao sentir, não podemos olhar apenas para estados corporais; precisamos necessariamente olhar para as relações entre

esses estados e os contextos que os produzem. Sem essas relações, não seria possível sequer criar ou ensinar um vocabulário dos sentimentos. Precisamos, em suma, comportamentalizar o sentir, tratando-o como verbo, ou como relação.

(2) Depois de aprender, com o auxílio de uma comunidade verbal, um vocabulário dos sentimentos, uma pessoa supostamente pode “descrever seus sentimentos” sob controle de seus estados corporais (Skinner, 1945/1972). Aprendi com minha comunidade verbal a me descrever como “triste”, ou “com tristeza”, em situações nas quais supostamente estou “me sentindo triste”. Em algumas dessas situações, a comunidade deve ter observado não apenas o contexto ao qual eu estava exposto, mas também acompanhamentos públicos do estado corporal privado – eu estava chorando, por exemplo. Porém, posso “me sentir triste” sem chorar. Minha comunidade verbal pode ainda assim usar as palavras “triste” ou “tristeza” para nomear o que eu “devo estar sentindo”, e eu mesmo posso me descrever com tais palavras mesmo que não chore, apenas sob controle de meu estado corporal.

Mas há uma possibilidade adicional³: minha comunidade pode dizer que eu estou triste tão-somente por me ver exposto a uma contingência que, naquela comunidade, tende a eliciar tristeza. Não há nenhum acompanhamento público evidente nas minhas respostas (não estou chorando, lamentando, etc.); há apenas o contexto, diretamente observado pela comunidade ou verbalmente relatado por mim: perdi uma pessoa querida, terminei um relacionamento, fracassei no vestibular. O mesmo pode acontecer em situações menos graves, nas quais sequer é possível discriminar um estado corporal conspícuo. Por exemplo, se, por qualquer motivo, não pude ir à comemoração de aniversário de um conhecido, posso dizer que estou triste, e outras pessoas da comunidade podem dizer o mesmo sobre mim. A descrição pode ser usada mesmo que eu não esteja de fato *me sentindo* triste, sob controle exclusivamente da contingência pública – embora aparentemente descreva uma condição privada.

De modo semelhante, *Schadenfreude*, *Futterneid* e *Ruinenlust* podem ser pouco discrimináveis como

1 Na língua alemã, todos os substantivos são escritos com inicial maiúscula, como os reproduzo aqui.

2 Skinner (1989) afirma também que as palavras utilizadas para descrever “estados da mente ou processos cognitivos . . . quase sempre começaram como referências ou a algum aspecto do comportamento ou ao contexto no qual o comportamento ocorreu” (p. 13). Skinner trata a etimologia como “arqueologia do pensamento” (p. 13), por ajudar a identificar variáveis que supostamente controlaram a emissão inicial das palavras que compõem o vocabulário da subjetividade.

3 Explorei essa possibilidade, em uma versão ligeiramente modificada, em Dittrich (2008).

estados corporais, e provavelmente não são acompanhados de respostas públicas específicas (como rir ou chorar). Tanto a comunidade que ensina a usar essas palavras quanto a pessoa que aprende a usá-las podem estar sob controle majoritariamente, ou mesmo exclusivamente, do contexto público – aquele descrito na definição das três palavras, que apresentamos há pouco. Como apontou Skinner (1974/2002), a discriminação sob controle do contexto público é mais precisa do que a discriminação sob controle de estados corporais privados, dado que o contexto público é, por definição, compartilhado pelo falante e pela comunidade verbal. O treino discriminativo dos sentimentos como estados corporais, portanto, é bem mais difícil. Como resultado, a linguagem dos sentimentos será sempre vaga e imprecisa. Assim, usamos essa linguagem de forma livre, alternando e misturando nomes sem qualquer preocupação com descrições “exatas”: *Schadenfreude* envolve não apenas “alegria” (*Freude*), mas “profunda tranquilidade”; *Futterneid* envolve não apenas “ciúme” (*Neid*), mas “agonia”; *Ruinenlust* envolve não apenas “prazer” (*Lust*), mas o alívio de “ansiedades” e uma “prazerosa melancolia”. Assim, conforme apontei em outro momento,

Variáveis públicas provavelmente exercem um controle mais preciso do que as privadas sobre o vocabulário mental/subjetivo. Uma pessoa que descreve sentimentos está, em última análise, descrevendo elementos de contingências de reforço ou punição – e está, inclusive, descrevendo a si própria (suas respostas públicas e/ou privadas) como parte delas. Contudo, a participação de estados corporais nesse controle talvez seja menos frequente do que costumamos pensar. A pessoa que afirma estar “se sentindo triste” pode estar “sentindo” apenas uma “situação triste”, sem sentir um estado corporal de “tristeza”. (Dittrich, 2008, p. 31)

Se variáveis privadas são importantes para explicar várias instâncias da emissão do vocabulário dos sentimentos, elas não são necessárias para ex-

plicar todas. Variáveis públicas podem ser suficientes para explicar algumas delas. Naturalmente, variáveis públicas e privadas podem também concorrer para o fortalecimento de uma mesma resposta verbal “descritiva de sentimentos”.

Conclui-se que a emissão de respostas verbais “descritivas de sentimentos” (a) é ensinada pela comunidade verbal sob controle de variáveis públicas; (b) pode ficar sob controle dos estados corporais privados de quem aprende a usá-las (e nada temos de novo até aqui, pois Skinner, 1945/1972, já havia sugerido as duas possibilidades); (c) pode ficar sob controle (majoritário ou exclusivo) de variáveis públicas que afetem o falante: não estou sentindo privadamente nenhum estado corporal discriminável, mas estou exposto a uma contingência na qual aprendi a emitir respostas verbais que “descrevem sentimentos”.

(3) Você já sentiu *Schadenfreude*, *Futterneid* e *Ruinenlust*?

Schadenfreude e *Futterneid* parecem descrever situações mais facilmente identificáveis em várias culturas, incluindo a brasileira: muitos de nós já nos sentimos “alegres pelo infortúnio dos outros”, ou desejamos saborear o prato pedido por quem nos acompanhava em um restaurante.⁴ É menos provável, porém, que brasileiros sintam *Ruinenlust*. Por quê?

“Palácios colapsados e escombros de templos” são bem mais comuns na Alemanha do que no Brasil; além disso, são parte integral da história e cultura daquele país. Pessoas que vivem na Alemanha têm muitas oportunidades de visitá-los e de aprender sobre sua história – sobre como as ruínas e escombros de hoje já foram imponentes símbolos de poder e riqueza. Nessas condições, aumenta a probabilidade de que ruínas e escombros evoquem comparações com “o caráter inevitavelmente passageiro de todas as coisas”. Para alemães, ruínas e escombros, presentes no dia a dia, são metáforas das transformações inerentes à vida humana.

O exemplo ilustra bem a variabilidade cultural da linguagem dos sentimentos. O fato de *Ruinenlust* (ou qualquer tentativa de tradução) não fazer parte do vocabulário típico sobre sentimentos no Brasil não

4 Naturalmente, *Futterneid* só pode ocorrer em sociedades nas quais existem restaurantes – o que também evidencia o caráter cultural da nomeação de sentimentos.

significa que falte aos brasileiros um estado corporal específico, por qualquer motivo experimentado apenas por alemães. O que falta é o contexto (histórico, físico, social) que torne *Ruinenlust* uma resposta verbal significativa para brasileiros. Novamente, as variáveis públicas são mais relevantes do que os estados corporais potencialmente discriminados.⁵

Considerações finais

Nossa capacidade de sentir tem base filogenética. Ainda no século 19, Charles Darwin (1872/2009) foi pioneiro na exploração das possíveis origens evolutivas das emoções. A capacidade que certos estímulos – que hoje nomeamos de incondicionados – possuem de eliciar respondentes é bem conhecida, assim como a possibilidade de transferir essa capacidade para novos estímulos, via condicionamento respondente (Lattal, 2013). Parte desses respondentes produzem estimulação privada – isto é, afetam apenas o próprio organismo. Essa estimulação privada (estados corporais discriminados) é o que tendemos a designar por sentimentos, ou emoções.⁶

Sentimentos e emoções tornaram-se temas importantes para a Psicologia. Surgiram, ao longo da história da disciplina, diversas propostas de classificação das emoções, com algumas sendo apontadas como mais “básicas”.⁷ Porém, nosso vocabulário

relativo às emoções e sentimentos é, por definição, aprendido em comunidades verbais. As propostas de classificação de alguns sentimentos ou emoções como “mais básicos”, e, portanto, potencialmente universais, podem ser fundamentadas por investigações fisiológicas, por tentativas de reconstrução de contingências filogenéticas de seleção que afetaram as tendências comportamentais da espécie humana ou por caracterizações de elementos comuns nas contingências comportamentais que afetam as pessoas de diferentes culturas contemporaneamente. Podemos, com o auxílio dessas investigações, produzir conceituações de sentimentos e emoções que sejam genericamente compreensíveis e comunicáveis. Sabemos grosseiramente, por exemplo, o que é sentir alguma das seis emoções básicas originalmente propostas por Ekman (1972/2021).

Contudo, jamais chegaremos a um vocabulário universal, completo e “neutro” de sentimentos e emoções, porque não se trata apenas de descrever estados corporais privados. Como apontou Skinner (1974), “uma ciência independente da subjetividade seria uma ciência independente de comunidades verbais” (p. 221). Em cada comunidade verbal, portanto, diferentes variáveis públicas e privadas controlarão diferentes respostas verbais relativas a sentimentos e emoções, como sugere a própria variabilidade cultural desse vocabulário.

Minha proposta neste ensaio foi apresentar uma análise exploratória da linguagem dos sentimentos a partir de uma perspectiva relacional e contextualista. Para tanto, analisei três exemplos de nomes de sentimentos, típicos da cultura germânica, que seriam “intraduzíveis” para outras línguas. Dessa análise, derivei três conclusões: (1) Só é possível compreender o que é sentir, e também compreender como surgem e como são ensinadas as palavras que se referem ao sentir, analisando as relações entre estados corporais e os contextos que os produzem; (2) A emissão de respostas verbais “descritivas de sentimentos” pode ficar sob controle (majoritário ou exclusivo) de variáveis públicas que afetem o falante. Mesmo que o falante não sinta privadamente nenhum estado corporal discriminável, ele pode estar exposto a uma contingência na qual

5 O caso da palavra “saúde” é frequentemente mencionado: seria um sentimento “exclusivo” dos falantes da língua portuguesa. Porém, substantivos próximos existem também em outras línguas – e aquelas línguas que, nesse contexto, usam verbos em vez de substantivos (por exemplo, *to miss*, em inglês) evidenciam melhor o caráter comportamental e relacional do sentimento: sente-se saudade (ou sente-se *falta*, como em *to miss*) de algo ou alguém.

6 Neste ensaio, optei por usar “sentimento” em vez de “emoção”. Embora a definição dos termos seja discutida na análise do comportamento, entendo aqui que emoções envolvem “inter-relações entre contingências respondentes e operantes”, com elementos públicos e privados, conforme propõem Darwich e Tourinho (2005). Sentimentos, por sua vez, são estados corporais que podem adquirir função de estímulos discriminativos privados, e nesse sentido são parte das emoções.

7 O psicólogo estadunidense Paul Ekman (1972/2021) foi pioneiro na proposição de seis emoções que seriam universais entre os seres humanos: alegria, tristeza, raiva, medo, nojo e surpresa. Posteriormente, o próprio Ekman (1999) apresen-

taria uma revisão de sua classificação, na qual constam 15 emoções básicas.

aprendeu a emitir respostas verbais que “descrevem sentimentos”; (3) Há uma ampla variabilidade cultural na linguagem dos sentimentos, que se explica não pelas diferenças entre estados corporais, mas pelas diferenças entre as contingências típicas de cada cultura. É, portanto, o contexto de cada cultura que torna as respostas verbais descritivas de sentimentos significativas naquele contexto.

Villalobos, Trans.). *Cultrix*. (Original publicado em 1974)

Skinner, B. F. (2020). *Verbal behavior: Extended edition*. B. F. Skinner Foundation. (Original publicado em 1957)

Referências

- Darwich, R. A., & Tourinho, E. Z. (2005). Respostas emocionais à luz do modo causal de seleção por consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7(1), 107-118. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v7i1.46>
- Darwin, C. (2009). *The expression of the emotions in man and animals*. Penguin Classics. (Original publicado em 1872)
- Dittrich, A. (2008). Algumas observações sobre o tratamento behaviorista radical dos eventos privados. In W. C. M. P. Silva (Ed.), *Sobre comportamento e cognição, Vol. 22: Reflexões epistemológicas e conceituais, considerações metodológicas, relatos de pesquisa* (pp. 29-33). ESETec.
- Ekman, P. (1999). Basic emotions. In T. Dalgleish & M. J. Power (Eds.), *Handbook of cognition and emotion* (pp. 45-60). John Wiley & Sons.
- Ekman, P. (2021). *Emotion in the human face*. Malor Books. (Original publicado em 1972)
- Lattal, K. M. (2013). Pavlovian conditioning. In G. J. Madden, W. V. Dube, T. D. Hackenberg, G. P. Hanley, & K. A. Lattal (Eds.), *APA handbook of behavior analysis, Vol. 1: Methods and principles* (pp. 283-306). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/13937-013>
- Skinner, B. F. (1972). The operational analysis of psychological terms. In B. F. Skinner, *Cumulative record: A selection of papers* (pp. 370-384). Appleton-Century-Crofts. (Original publicado em 1945)
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1989). The origins of cognitive thought. In B. F. Skinner (Ed.), *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 13-25). Merrill.
- Skinner, B. F. (2020). *Sobre o behaviorismo* (M. P.

Histórico do Artigo

Submetido em: 15/04/2025

Aceito em: 01/08/2025

Editor Associado: Carlos E. Lopes